



GENOVA — JARDINS DO PALACIO DORIA.

QUANTOS têm visitado a altiva rival da orgulhosa Veneza são concordes em declarar que Genova é o verdadeiro ideal d'uma grande cidade marítima.

O sr. Lopes de Mendonça, um dos nossos mais escriptuosos e elegantes escriptores contemporaneos, publicando na *Revista Universal as Recordações* da sua viagem á Italia ao findar o anno de 1850, descreveu nos seguintes paragraphos, em florido estylo, o aspecto geral de Genova :

«Do lado esquerdo,» diz o sr. Mendonça «montanhas cobertas de vegetação, semeadas aqui e além de pequenas povoações; em frente, a cidade dos palacios, que parece debruçar-se sobre as aguas do Mediterraneo, como um peregrino do deserto, que desaltera a sua sede na fonte d'um oasis: do lado direito, a costa vae apagando-se pouco a pouco por uma curva insensível, até deixar de todo descobertas á vista as planicies immensas do mar.

«O porto fechado por muralhas é pequeno, e quando não reina o sudoeste é bonançoso: haviam pelo

menos, n'aquelle momento, ancorados oitocentos navios, formando uma especie de cidade fluctuante, porque todos estão dispostos, com pequenos intervallos, n'uma mesma linha, formando diversos pelotões desde o ponto do embarque até ao arsenal de guerra.

«Quando o vapôr havia orgulhosamente passado por entre os dous pequenos pharoes, e demorava a sua marcha impetuosa para descansar das fadigas, senti uma das mãos do meu companheiro italiano pousar-se no meu hombro, e vi que com a outra me apontava para a gigantesca estatua de André Doria, que parece dominar ainda os destinos da sua terra natal, basejada pelo perfume dos arbustos e flôres d'um viçoso jardim.

«Como é poderosa e insensível a influencia d'um grande poeta! Doria é o glorioso almirante que vive na historia sem empallidecer a par de Carlos V e Francisco I — os dous athletas, cuja lucta quasi que devora todo um seculo; Doria, é o marinheiro, rival dos nossos, e que n'uma longa vida de 95 an-

nos, quasi que não teve por tecto senão o firmamento, e por horisontes senão os que a prôa descobre no infinito das aguas!"

O palacio do grande homem a quem o nosso distincto escriptor se refere, é o que a nossa estampa representa.

Este magnifico edificio, hoje em ruinas, produz ainda profunda impressão pelas recordações que suscita.

O risco d'este palacio foi de Montorsoli, architecto romano. As portas, as estatuas, os ornatos são de Vierino del Vaga, discipulo de Raphael.

No seculo passado os jardins do palacio Doria eram o passeio predilecto dos habitantes de Genova. E de feito não podia imaginar-se situação mais deleitosa que aquella. Actualmente os jardins estão quasi abandonados, o palacio ameaça ruina, as estatuas estão mutiladas, e os musgos vestem as paredes gretadas, occultando os tropheus esculpidos.

Residiram no palacio Doria Carlos V, Francisco I e Napoleão!

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei desfeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

V.

Nas guerras do Parnaso, em que o vamos descrever, senhor do metro, fogoso de imaginação, e acerado na satyra, Bocage não perdoou os golpes aos emulos, nem deixou impunes as offensas. Teve detractores, porém contou ainda mais amigos e devotos. Em roda do entusiasta e do repentista ajuntava-se uma cohorte de talentos á qual a admiração pelo mestre duplicava os brios, tornando-a a facilidade de poetar perigosa de encontrar para adversarios e invejosos. D'esta côrte, de que Elmano foi o Apolo, e pôde dizer-se que a alma e a inspiração, ainda chegaram á nossa geração alguns cantores. Ainda nos lembram a miúdo esses velhos tão ligeiros em supportar o pezo da idade e dos desgostos, tão familiares e risonhos com as musas da sua escola, emfim tão ricos de recordações e de amabilidade, e tão pobres de tudo o mais quasi sem o sentirem. D. Gastão Fausto da Camara, o morgado de Assentiz, o sr. Bingre, e tantos outros que salvaram intactas as tradições da primeira epocha, e a saudade do vate, expressão d'ella, não podiam nem mereciam esquecer. Ouvil-os, quando a memoria lhes corria alegre, restituindo os quadros do seu tempo, era entrar na convivencia intima do passado, e na conversação instructiva dos mortos, que o encheram do seu nome.

A anecdota litteraria, de tanto sal e de tamanha luz para a historia intellectual, caía dos seus labios com uma graça e uma côr natural, que a fazia mais preciosa. Devemos-lhe a idéa clara e a pintura espirituosa dos vultos, dos costumes e das luctas do começo d'este seculo; impressas no animo por narrações contemporaneas, finas e tocadas d'aquelle ar de vida, e d'aquelle sabor de verdade, que a leitura e a reflexão por si sós não alcançam nunca, parece que ensinavam mais em uma hora sobre o character dos homens e das cousas, do que largos volumes de polemicas e commentarios.

Quando Bocage em um soneto procurava disfar-

gar a tristeza da molestia, volvendo os olhos atraz, e exclamando:

Chalaga minha, que chibavas tanto
Na sucia dos tafnes! És uma feia;
Deixas-me andar talvez por lingua alhêa
Ou lá não sei por onde, e eu cá n'um canto!

referia-se ás scenas buliçosas, aos remoques, aos planos de batalha da guerrilha de Elmano, contra a guerrilha de Elmiro, e das travessuras metricas phantasiadas ao tinir dos copos e das garfos, em descabelada assuada de poetas. Pelo movimento, pelo desleixo sem cuidados d'esta comedia permanente é que Manuel Maria suspirava, estendido no leito de dôr, e já com a sombra do sudario sobre o rosto. Aquelles que viveram alguns mezes de tal vida, com a felicidade de não se prenderem na esterilidade d'ella, sabem que não ha pobreza que a amargure, nem verdadeiros desgostos, que a envenenem. A cholera, o riso, e as privações passam-lhe ao de leve e por cima, como as nuvens e os chuueiros da primavera por um céu sem tempestade. O sol e a sombra cortam-se e encontram-se; agora escurece aqui, e se illumina logo adiante; e depois as flôres e as folhas são tantas, ligam-se e reverdecem de tal fórma, que as gotas d'agua com que uma planta se esmalta de brilhantes um instante as traz e outro as secca. Assim fugiam os dias e os mezes para os repentistas da epocha de Bocage. O que estava rico fazia hoje as honras da bolsa e do banquete; e amanhã, indigente como Job, e jovial como um dos heroes do theatro venesiano, assentava-se á meza do companheiro e accitava a compensação. Era a camaradagem (no rigor do sentido) em armas e fortuna; sómente as armas eram versos mais ou menos mordazes, e a fortuna, tirando raros, era o seu estado normal o mais teimoso dos eclipses!

Não admira por tanto que na sua corrida folgazã por entre a sociedade, o engenho perdesse em dignidade e madureza mais do que lucrava em independencia e inspiração. Grandes obras não se produzem de jornada pelos dominios da poesia, esfolhando ao acaso, e hora a hora as paginas de avulsos canticos. O soneto cortante, a decima atrabiliaria, o epigramma, e ás vezes tambem o rasgo epico e o sentimento elegiaco, acodem ao vate, que se entrega ao fervor divino no meio dos auditorios, e soccorrem-no segundo as posses das suas faculdades; mas o poema, filho legitimo da arte, o livro seguro da posteridade pela excellencia do pensamento e pela correcção da fórma, não nasce entre chascos, arruados e conflictos. A alma e a imaginação tambem guardam o seu pudor.

O espirito não desce sobre os eleitos senão depois de elles commungarem com a intelligencia pura, jejuados de excessos e tranquillos da loucura mundana do amphitheatro. Se Bocage deixou mais do que repentes e poesias leves, deve-o aos periodos de reflexão e socego, que o infortunio ou a necessidade o obrigaram a sequestrar ás algazarras metricas dos cafés e dos outeiros. Os defeitos, de que o accusam os seus escriptos, provam o funesto influxo do orgulho e da precipitação do talento mais espontaneo. As nodas do improviso mancham em diversos logares a musa seria do cantor Elmano. A força de não contar com as difficuldades, e de as confundir em arrojados admiraveis, fugindo de um mal perdeu-se n'outro. Tomou a harmonia como essencia da poesia; e a hyperbole e a redundancia pela sublimidade e a opulencia. Adquiriu pouco, e gastou muito; e tendo o verso prompto sempre nos labios suppria com a

riqueza dos sons a pobreza da invenção. Era enganar-se a si, e enganar os outros; era esquecer que a arte cessa aonde começa o mechanismo, e domina qualquer processo falso e caprichoso!

Como já dissemos, a causa, ou mais exacto, o pretexto da guerra dos vates, foi a Nova Arcadia, que durou tres annos incompletos, de quem foi protector perpetuo o conde de Pombeiro, e presidente o seu commensal o padre Caldas, auctor da Viola de Lerenno! O termo arrogante e o tom despotico assumido por Elmano depois de 1791 creou as primeiras animosidades, e fomentou as futuras discordias. O seu genio voluvel, cioso e satyrico converteu depressa em injurias mortaes as censuras encobertas dos arcades, e a frieza dos emulos.

A luva foi lançada; e se houve quem a apanhasse, mostrou o exito que o não fez sem risco. Fallámos dos tres adversarios de Bocage dignos do combate. O resto, a plebe dos metrificadores, serviu apenas de parapeito humano ás frechas dos semi-deuses. Eram a *cher a canon* de que fallava Bonaparte. Victimmas da Nemesis do cantor de Leandro e Hero, alegraram com o seu supplicio os criticos e os curiosos, sobrevivendo por sua desgraça para a gargalhada publica, a peor das posteridades que póde caber aos escriptores.

Á lucta entre Manuel Maria e a Arcadia serviu de signal o famoso soneto, que se quiz attribuir a Curvo Semedo, mas em que todas as feições (como notámos) denunciavam a penna de Elmano. É impossivel em quatorze versos juntar mais sétas, nem aguçal-as tanto. Lendo-o percebe-se a ira que devia abraçar os motejados, assim expostos ao escarneo. A descripção das refeições pastoris; o quadro ridiculo do banquete dos vates e da hospitalidade escassa do Mecenas; e os traços que desenhâo os maiores da douta corporação, são de mão de mestre. Desapprovando-se o fel, em que se embebia, não será facil suster o riso, sobre tudo conhecendo de tradição os padecentes. O desditoso Lerenno, o ouco e innocente fidalgo, ufano do patronato do seu rebanho, e os accidentes da farça litteraria, em que se agita do principio ao fim o espirito de Aristophanes, foram pintados com uma viveza, que os não deixará morrer. Eis o poema:

Preside o neto da rainha Ginga,
Á corja vil, aduladora, insana:
Traz sujo moço amostras de chanfana,
Em copos designaes se esgota a pinga:

Vem pão, manteiga, e chá, tudo á catinga,
Masca farinha a turba americana;
E o ourango-outang a corda á banza abana,
Com gestos e visagens de mandinga.

Um bando de comparsas logo acode
Do fofa conde ao novo Talaveiras;
Improvisa berrando o rouco bode:

Applaudem de continuo as frioleiras
Belmiro em dithyrambo, o ex-frade em ode;
Eis-aqui de Lerenno as quartas feiras.

O mais curioso é que depois d'este bilhete de cumprimento Bocage ainda frequentasse a Arcadia, talvez atraz do anonymo, em que embugou ao principio a satyra! Esbravejavam entretanto os offendidos vendo-se alvos de farpas e risadas; e não descansaram até conhecerem o auctor a quem eram credores do fatal retracto. Souberam-no atinal; e o abbadé de Almoester (assegura o sr. Castilho) tomou á sua con-

ta a vingança commum, respondendo com um soneto, que mereceu applauso, e era digno de o merecer. Medido pela crueldade da provocação não lhe fica inferior em odio, se o não iguala em graça. Caro de certo custou o desforço aos innocentes e aos cumplices do tonsurado vate; Bocage não perdoava facilmente, e sobre tudo quando a offensa corria elogiada. Não lhe sendo possivel descobrir o abbadé, que soube cercar-se de segredo, descarregou a cholera em geral, e offereceu uma hecatomba de arcades ao desafogo do seu orgulho. Eis os versos do abbadé de Almoester:

Ha junto do Parnaso um turvo lago,
Aonde em rãs existem transformados
Os trovistas de cascos esquentados,
Cerebro frouxo ou de miolo vago.

.....

Aqui Bocage vive, e d'aqui ralha,
E co' a tartarea lingua ponti-aguda,
Bons e máus, máus e bons tudo atassalha.

É vil insecto, e o genio atroz não muda;
Bem como a escura cor não muda a gralha,
E o hediondo fedor não perde a arruda.

Pobres arcades! Curta foi a alegria do seu amor proprio! Apenas a dôr da ferida o avisou, Elmano, abraçando nas represalias a quantos suppoz capazes de serem auctores da malfadada critica, sem pausa, sem piedade, metro sobre metro, levantou-se contra as faias e choupanas dos pastores, e empalou a cada um d'elles em seu verso.

Entre muitas escolheremos uma das respostas:

Contra Elmano Sadino urrando avança
O esteril Corydon (1), o vão Belmiro (2),
Bernardo (3), (o Nenias) lugubre vampiro
Que do extincto Miguel possue a herança:

O curto Quintanilha (4), o torpe França (5)
O tonsurado, retumbante Elmiro (6),
Vibram tiros ao vate, e é cada tiro
Mais frouxo do que pedrada de creança:

.....

Mas se inda a corja renovar o ataque
Bocage que fará? Pôr-se de esendo,
Perder doze vintens n'um Almanak.

Este Almanak era o Almanak das Musas, de que saíram quatro folhetos, *offerecidos ao genio portuguez*. Percorrendo-se a collecção, bastante magra como fructo de uma academia, dá-se razão em parte a Manuel Maria. O silencio em que jaz sepultado o livro não é injusto.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

- (1) Joaquim Franco de Araujo — Corydon Neptunino.
(2) Belchior Curvo Semedo — Belmiro Transtagano.
(3) O doutor Manuel Bernardo de Sousa e Mello.
(4) O doutor José Thomas Quintanilha — Eurindo.
(5) O doutor Luiz Correia da França Amaral — Melisso Cilenio.
(6) O padre José Agostinho de Macedo — Elmiro Tagideu.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

IV.

A aldeia dos grumetes. — Um bocado de historia. — Que gente é esta? — A correição. — D. Fr. Victoriano Portuense, e o convento de Bissau. — Da verdade á historia que distancia haverá?

EMPREGAM-SE mais especialmente estes grumetes na navegação das canoas, já de serviço dos negociantes, já suas proprias, com que se faz o resgate por estes rios do interior; e servem tambem como marujos nas escunzinhos que commerciam entre Bissau, Gambia, Gorêa e Serra Leôa. São destemidos e imprudente, quer porque acostumados ao perigo encaram-n'o com indifferença, quer porque são mui gulosos de agua-ardente, e não é qualquer quantidade que os satisfaz: isto augmenta as probabilidades de perigo nas embarcações dirigidas por elles, principalmente na estação das trovoadas, ou nos rios em que ha o macaréu, de que n'outra parte fallarei. Quando os navios de guerra portuguezes apparecem, como os cometas, em longos e irregulares periodos, não deixam de requisitar alguns d'estes grumetes (para o serviço de seus escaleres, e ainda para outras exigencias) que vão muitas vezes ali aprender a politica, e outras cousas que é doloroso reconhecer de que mestres as receberam.

Com tantos defeitos, como os que lhe tenho notado, era justo, era mesmo necessario que tivessem alguma qualidade boa; e tem-n'a de certo. São muito sobrios na comida. Uma côla, fructo assim chamado, producto de uma especie de palmeiras de Serra-Leôa, constitue a parte principal, e muitas vezes, especialmente em viagens, a unica do seu sustento diario: quando vão sentindo fome, apertam mais em volta do estomago a cinta que lhes segura as calças, e que vão estreitando á proporção que a fome se vae sentindo mais. Como gostam muito d'esta fructa, que trazem incessantemente na bôca, faz-se aqui um grande consumo della. Com tudo nunca a vi figurar nos mappas da Allandega.

E'isto o que soube já por informações, já pelas minhas proprias observações, a respeito d'esta raça atravessada, que pela impericia e cobardia dos governadores (salvas poucas e honrosas excepções) tem representado um papel tão importante em Bissau. Por mim estou convencido de que lhes faço perfeita e inteira justiça comparando-os á gata de Phedro, os papeis á porca, e o nosso estabelecimento á aguia.

Estava já a voltar pelo lado do norte da povoação para me recolher, quando a poucos passos de distancia de mim, na parede de uma casa, vi uma larga risca preta que se movia em sentido obliquo, e que subia da terra.

Não atinava com o que fosse. Sem querer, sem pensar, por um sentimento instinctivo não me atrevia a dar um passo; e não foi necessario que o escravo me segurasse pelo braço para eu me não mover d'onde estava, tendo sempre os olhos fitos nessa extensa ostaga alcatroada, que parecia ter vida e movimento proprio. O que seria isto?

Passada a primeira impressão de terror, que durou apenas alguns segundos, e que não me deixou tempo de pensar, a minha primeira idéa foi que eu tinha diante de mim um d'esses reptis venenosos, de que abundam as selvas paludosas da America, e d'esta parte do mundo em que me achava. Comtudo essa lembrança foi tambem momentanea; logo me tranquillisei. Não me lembrava de que viajante algum, nem mesmo qualquer das pessoas com quem

me tinha informado em Cabo Verde, sobre algumas cousas de Bissau, tivesse dito uma só palavra d'esses perigosos reptis, o que não era provavel que acontecesse no caso de que elles costumassem apparecer.

Mas por outro lado estava sentindo sobre o braço a mão pezada do preto que me retinha para que não avançasse um só passo; esta acção rapida e perseverante do preto annuñciava-me algum perigo. De que natureza seria elle? Que o havia, não podia eu pô-lo em duvida, porque o preto dava mostras evidentes de que estava assustado; mas ao mesmo tempo notava que elle não se movia nem para fugir, o que não deixaria de acontecer se o perigo fosse grande e inevitavel; nem mostrava a menor apparencia de defender-se, o que tambem não era natural se, existindo o perigo, fosse comtudo d'estes que se podem vencer, ou evitar pelos meios ordinarios.

Por fim fallou para me dizer, mais com a acção do que com as palavras, que era melhor tornarmos pelo mesmo caminho.

Olhei para elle, e vi-o com todos os signaes do terror impressos no semblante. Estava fullo, e com os olhos fixos para o chão contiguo á casa, para onde tambem olhei com attenção, e vi que borbulhavam d'elle como uns cachões de alcatroão fervendo, que iam crescendo pela parede acima, e tomavam a mesma direcção do grosso cabo.

Eu e os meus companheiros seguimos o preto, quando tomou pela mesma rua, por onde acabavamos de passar; e onde elle bateu a duas ou tres portas, e fallando com as pessoas de casa, que acudiram ao chamamento, correu a reunir-se a nós, que tinhamos continuado o nosso caminho. Quando chegou perto já vinha mais tranquillo, e até se sorria. Paramos para que se aproximasse de nós mais depressa; e apenas chegado, metti-lhe na mão um quarto de pataca (doze vintens de Cabo Verde), perguntando-lhe ao mesmo tempo o que era aquillo a que acabavamos de fugir.

— «Pois branco não sabe o que é?» respondeu-me elle por outra pergunta, como costumam fazer os seus nacionaes, quando os interrogam: «Não ha n'esta terra *um* *alguem* que não saiba o que é aquillo!»

— «Pois não o sei eu, que não sou d'esta terra. O que é isso preto que vimos?»

O negro olhou para o dinheiro que eu acabava de lhe dar, e que tinha na mão aberta, deu com a lingua um estalo em signal de que a sua observação, e as idéas que ella lhe suggeriu, o tinham alegrado (talvez calculasse quanto lhe podiam dar de agua-ardente por aquelle dinheiro, e que tempo lhe seria necessario para bebel-a);

— «Hêm, hêm! branco é rascom!» e guardou o dinheiro n'um trapo onde já tinha algum.

— «Então o que é isto? é alguma cobra?» perguntei outra vez.

— «É a correição, que vae áquella casa...»

— «Mas o que é a correição, e porque me não deixaste continuar o meu caminho?»

E começou a fallar muito, agitando-se, gesticulando, e saltando d'uma para outra parte; parecia que pretendia despir-se todo; depois dava um salto, com as mãos esfregava o corpo, como se quizesse arrancar alguma cousa pegada a elle; e fallou, fallou, mettu os dedos nos olhos, deitou a lingua de fóra, e por fim estendeu-se no chão, immovel como se estivesse morto.

E não lhe percebemos outras palavras senão Cacheu... branco... e correição. Ficámos na mesma ignorancia em que nos achavamos. Só uma cousa sabiamos; que era a correição, e isto desafiava-me a curiosidade.

Mas o que era a correição? O creoulo d'este escravo era tão confuso, e nós tão pouco sabedores d'elle, que nos foi forçoso contentar-nos com o mui pouco que lhe percebemos.

Desde então o bom do escravo não cessou de falar com uma volubilidade espantosa; mas quanto mais fallava, mais ignorantes e aparvalhados nos deixava; e mais augmentava em nós o desejo de chegar a casa para pedirmos a explicação do que tanto desejavamos saber.

Chegámos enfim. Deu-se mais alguma cousa ao preto que se retirou, fazendo muitas cortezias, levando á bôca as pontas dos dedos da mão direita aberta, e dizendo frequentes vezes *branco rascom*, que é o mesmo que *este branco é generoso*.

Quando entrámos em casa, estavam já todos er-

guidos, e esperando por nós para o *desjejum* (1), e segundo nos disseram, com cuidado por não saberem para onde tínhamos ido. Aproveitei-me d'esta comida pela primeira vez depois que aqui estava (a segunda e ultima foi no dia em que nos dirigimos ao ilhéu do Rei); e comi com appetite, que m'ò tinha aguçado o passeio, e o ar fresco da manhã. Demos conta da nossa digressão, do que tínhamos visto, das nossas perguntas ao escravo, e das respostas d'elle, que não entenderamos.

Agora começa a explicação, resumindo o que se nos disse para nos fazer intelligivel a narração escrupulosa do escravo.

(Continua.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.



A PIPEREIRA. — PIPER NIGRUM.

DE todas as especiarias que a agricultura das regiões tropicaes envia para a Europa nenhuma ha que tenha um uso mais universal do que a pimenta; reduzida a pó é, quasi como o sal, o adubo ordinario da maxima parte dos manjares. A pimenta, usada com moderação, longe de prejudicar a saude, facilita as funções digestivas; tomada em grande quantidade não envenena, no sentido rigoroso da palavra, mas causa gastrites e affecções do systema nervoso sempre dolorosas, e algumas vezes de summo perigo.

A pequena bage redonda e rugosa na superficie, que conhecemos no commercio sob o nome de pimenta preta, é o fructo d'um arbusto sarmentoso, que se encontra em cultura e no estado sylvestre por toda a Asia oriental e nas ilhas do archipelago indico; é tambem muito commum nas ilhas da Polynesia. O arbusto que produz a pimenta recebeu dos botanicos o nome do *piper nigrum*.

A cultura da pipereira é mui simples; a qualidade do terreno é-lhe quasi indifferente, as suas flôres, pouco vistosas, apresentam a fórma de cachos compridos; as bages que lhes succedem são còr do mais fino coral; colhem-se arrancado-as do esgalho, que fica adherente ao ramo; depois seccam-se ao sol. A sua superficie pela dessecção enruga-se, e toma a còr escura que todos sabem.

A pimenta, que se consome em larga quantidade na Europa, forma-se de duas partes distinctas; o grão propriamente dito, de còr branca pardacenta, e a pellicula que o envolve. Esta pellicula despegase mui facilmente, e n'este caso o grão, isolado, e diminuido de volume, toma o nome de *pimenta branca*.

A pipereira multiplica-se com facilidade, já de semente, já de estaca; aos tres annos está perfeita a planta; e continúa a produzir por espaço de nove ou dez annos sem interrupção. Em bom terreno um pé de pipereira poderá dar 7 ou 8 kilogrammos de pimentas por anno.

Desde o principio d'este seculo a cultura da pipereira tem tido grande incremento nas colonias francezas das Antilhas, mas particularmente em Cayenna. Além da pipereira, que produz a pimenta preta, cultiva-se como especiaria ou como medicamento a pi-

(1) Termo arbitrario por mim empregado para designar uma comida que, tanto aqui como em Cabo Verde, se faz ao erguer da cama; e que consta ordinariamente de chá, e café, bolos, pão de ló, fatias de pão com manteiga etc. Esta comida precede tres ou quatro horas o almoço, que consta de carnes, aves etc. e no fim chá ou café.

pereira *Macropiper*, conhecida dos habitantes da Polynesia pelo nome *d'ava* ou *cava*, e a pipereira cubeba (*piper cubeba*) que tem bastante uso na medicina moderna.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANÇO HISTÓRICO.

CAPÍTULO XIX.

E' tarde!

DEIXANDO-OS ir, voltemos um pouco a Santa Olaia, aonde passadas duas horas chegou D. Egas, o irmão do infeliz Gomes Lourenço, acompanhado do armeiro e de muitos homens d'armas. Os cavallos cançados nem podiam resfolgar; a espuma cobria os freios dourados. Tocaram a buzina, e ninguém acudiu ás ameias. Chamaram, e ninguém lhe respondia. D. Egas foi direito á barbacã, e viu-a deserta, com a levadiça caída, e os portaes abertos. Apeou-se. Seguindo uma toada lugubre enfiou salas e corredores. Cada vez crescia o susto que desde Coimbra o não largava.

Chegando ao castro de Avellãs, D. Egas, em vez de se desafogar com a partida de seu irmão para Santa Olaia, sentiu no coração aquella pancada que adivinha a muitas legoas de distancia uma desgraça, impossivel de saber pelos meios ordinarios antes de alguns dias. O aviso do thesoureiro D. Zuleima, e as instancias do robusto armeiro Pedro Britador tinham-no sobresaltado com motivo. Fôra preciso não conhecer a indole vingativa e traçoira dos de Lanhoso para suppôr, que o rapto commettido por Gomes Lourenço deixasse de provocar promptas e terriveis represalias. Quando das ameias lhe responderam em Avellãs que seu irmão já partira, se não trouxesse os cavallos, que não podiam menear-se, largaria reideas, e correria sem parar a Santa Olaia. A noute não a dormiu; e apenas abria a madrugada metteu o pé no estribo, e na companhia do armeiro e dos homens d'armas atravessou de carreira valles e montes até de longe apereceber as torres do castello recortadas confusamente no claro-escuro de um baço alvor. As estrellas tam-se apagando na branda claridade do amanhecer. Apertou o galope; e um quarto de hora depois apejava-se, como se disse, no terreiro deserto, e seguindo a toada melancolica do canto religioso chegava á entrada da capella.

— «D. Gomes Lourenço, onde está?» gritou ainda de fóra da porta cruzada.

— «Aqui,» responderam de dentro.

Pannos de dó cobriam um caixão posto no meio da ermida. Em redor ardião quatro tochas. O ceppo e o pavimento ainda estavam vermelhos de sangue. De joelhos, um a cada lado, Fr. Munio e o abbade oravam pelo defunto. A' pergunta de D. Egas o monge de Cister ergueu-se, foi á éga, levantou o véu, e mostrando o corpo, exclamou:

— «Aqui tendes o que resta de Gomes Lourenço!»

— «Oh, meu irmão, irmão da minha alma!» gritou D. Egas, chorando em grande brado, e atirando-se a apertar nos braços o cadaver, cujas mãos cobria de beijos e de prantos. Diante da explosão d'aquella immensa dôr todos comprimiam até a respiração; e um silencio sepulchral reinou na arruinada casa.

— «Mas quem foi?...» perguntava o armeiro em tom submisso ao abbade que lhe ficava ao lado «Quem se atreveu a isto, pela morte de Deus!»

— «Ella!? Não sabeis?...»

— «Quem?»

— «D. Maria, Martim Paes, e D. Nuno,» retrucava o abbade, «a quem o terror dos acontecimentos não deixava atar o fio de uma narração clara.»

— «Cães malditos!» disse Pero Britador rangendo os dentes. «Veremos se ainda ha tres séttas, e na minha bésta uma boa corda para enviar de presente ao inferno essa ninhada de traidores.»

— «E um malaventurado judeu, que desconjuntaram no potro para lhe arrancar até á ultima mealha!»

— «Hum!» atalhou o ferreiro. «Lá por isso!... e sabe-se o que é feito d'elle? Que nome tinha elle?»

— «Abel... Sansão... nada! Zuleima; chamava-se Zacarias Zuleima.»

— «Malhos e fragoas! Raios de Christo!» berrou o nosso alfageme, esquecendo-se do logar e da companhia. «E' a nata dos ovençaes. O meu chupa-fóros reaes; o mais nedio chibato da synagoga. Por S. Braz, advogado das guellas! Se o odre de maravidiz não tem o gasnete torcido como um frango, quero que me queimem se o não salva. Palavra de alfageme não volta atraz! Quando Pero Britador disse a um homem, mesmo ao excommungado de um judeu, somos amigos, é amigo. Onde está o pagão?»

— «Dizem que na torre de Menagem.»

— «Bom. Vamos a vêr como isto é.»

E abordoando-se á immensa acha, capaz de derrear o braço mais possante, sem honrar os circumstantes, nem ao menos com um volver de olhos, o armeiro poz-se a procurar com a circumspecção devida a escada da torre de Menagem, e depois de a achar, começõu a subir os degraus.

A exclamação, as juras, e a nobre profissão de fé do Vulcano de Coimbra, feitas com desafogo, e na mais estrondosa nota da sua voz taurina, produziram a derivação dos olhos e curiosidade dos espectadores, attrahindo-os para a corpulenta figura do honrado Pero. Mas elle achava-se muito preocupado com a noticia do abbade para attender os signaes nada equivocos de assombro desapprovador, com que o encravavam. Rodando nos calcanhares partiu como uma frecha a libertar o engaiolado pharizeu; e rosnando e benzendo-se rogava em contra-baixo um milheiro de pragas, sufficientes para racharem d'alto abaixo as abobadas, que serviam de tecto.

— «Deixem o armeiro que viu bruxa!» murmurou um pagem ao ouvido de um barguez, que parecia confuso da falta de decóro de mestre Pero em tão solemne occasião.

— «Aquillo foi sempre assim. O coração é bom e leal, mas a cabeça!...» e o Salomão municipal, esguio como um cipreste, abanava as orelhas melancolicamente.

Em quanto passava este episodio, D. Egas, abysmado na sua magoa, enchugava as lagrimas, em quanto Fr. Munio lhe lia e relia a carta de seu irmão. Depois beijou-a, e guardando-a no peito, murmurou — «aqui ficará para sempre.»

Quando se virava para dizer alguma cousa a Fr. Munio achou ao pé de si um homem cego, vestido de esclavina, que sem fallar lhe pegou no braço e o apartou do tropel, que o cercava.

— «Não sois, D. Egas, o irmão d'esse desgraçado, que ali dezança?»

— «Sou. O que me quereis?»

— «Escutae. Quero que nos vingamos. Martim Paes foge pelo caminho do Porto. Corre como quem leva atraz o remorso; mas o odio de um Viegas ainda corre mais do que o remorso. Parte já; segue-o! Não escape! quanto ao mais fica tranquillo; outro o fará.»

— «Mas quem és tu?...»

— «Mancebo, sou um homem, que se Deos lhe desse tres dias a luz da vista, em vez de estar aqui chorando, voaria atraz dos matadores sem demora, sem repouso, até os alcançar.»

— «Fallas...»

— «Como costumado a mandar! D. Egas, lembra-te da noute de S. João? Quem te disse ha seis annos: — «Por aquelles olhos pretos, se fosse Deus creava eu o mundo; se fosse rei, perdia a corôa!?» O irmão de teu pae, bem vês, póde dizer ao irmão de Gomes Lourenço: — «Egas, o sangue delles é a tua herança; voa, senão chegarás tarde! Partes?»

— «Já. Mas vós em tal estado!... Como chegastes?...»

— «Depois o direi. É mais um crime delles. Foi Martim Paes que me poz assim. Fez-me escravo, ce-go e vil. Vingame. A cavallo; parte!...»

E sem esperar resposta, pelo braço de um donzel retirou-se para o interior do castello.

D. Egas, pallido mas firme, aproximou-se então do morto, e ajoelhando uniu os labios á mão gelada. Quando se ergueu os olhos enchutos reluziam com fulgor vivissimo. As faces eram de jaspe, e os beiços brancos. Tomando o punhal de Gomes Lourenço, que estava perto da armadura, ensopou-o no sangue esparzido, e murmurou:

— «Esta herança entregarei a teu filho. Em quanto o ferro durar, e o sangue não se comer, juro perseguir a ferro e fogo, em repto e em cilada, por todos os modos leaes e desleaes a raça maldita de Lanhoso. Deus e o inferno ouçam o juramento!»

Fazendo depois um aceno aos cavalleiros disse algumas palavras em tom baixo a Fr. Munio e ao abbade, deixou-lhes quatro homens d'armas, e saiu da capella. D'ahi a instantes soou o galope dos cavallos. Uma hora passada trepavam as assomadas da serra; e do cume virando-se para o sitio, que deixavam, deu-lhes na vista o resplendor de um grande incendio. Era o castello de Santa Olaia a arder: o moço cavalleiro com um sorriso triste, pondo as mãos nas solhas douradas do arnez, e voltando as re-deas, exclamou:

— «Oh meu tio, a vingança começa cedo; a minha por ser mais lenta não será menos terrivel! Meu irmão, meu desgraçado irmão!» E cravando as esporas desapareceu.

O armeiro, fóra subindo entretanto até á especie de patim, que se alargava diante da entrada da torre de Menagem. A porta estava meia cerrada; e mestre Pero pareceu-lhe que ouvia um vozeirão ralar dentro, e um falsete macio e aflautado guinchar de vez em quando, como de quem se queixava.

— «Temos obra!» disse consigo o alfageme; e nas pontas dos pés chegou á hobreira, e cozendo-se com ella applicou o ouvido para escutar melhor.

— «Por amor de ti, cão tinhoso, é por amor de ti que cheguei a isto,» dizia o vozeirão. «Por te converter, amaldiçoado!... Vamos; para cá cem maravidiz, ou pello-te como a uma cebolla. Sem maravidiz! Vou atirar esta sacca de lã ás malvas, e não hei-de pedir esmola. Encommendaste a festa; paga aos musicos.»

— «Não tenho nada. Estou roubado.»

— «Não tens nada!? Esse colar d'ouro e esse an-

nel não são nada?... ponha-os para aqui, Escariote de má morte. Já!»

— «Justiga d'el-rei que me roubam!»

— «Chuta, cegarrega de bruxazorra! Engole-me já os guinchos, ou cozo-te a lingua aos pés. Para aqui o colar e o annel. Bom! Agora ficar quietinho. Não tujir nem ladrar; se não asso-o n'uma camiza de péz. Adeus, mealheiro de roubos. Espera. Queres, mais Arão, anh?... Queres ver, Moysés, anh? Anda, falla; hasde ser judeu, unh, demonio!?!...»

Neste ponto a piedosa homilia foi interrompida. O armeiro tinha ido abrindo a porta de vagar, e presenciara a parte activa da scena. A cada pergunta, Fr. Muninho, (o leitor engenhoso de certo adivinhou que era o nosso barbato) torcia a orelha ao malaventurado D. Zuleima, e um guincho do judeu correspondia ao — anh, anh, e unh do virtuoso exalmudeiro. A cabeça do ovençal virava-se a cada repellido d'orelhas para o lado magoado, pouco mais ou menos como o cata-vento, girando em correntes de ar encontradas no alto da grjmpa. Pero Britador, sufficientemente informado do estado da questão pelo insuspeito testemunho dos seus olhos, julgou necessario intervir quanto antes. Entrar de chofre; deitar a mão callosa á barba de Fr. Muninho, e abanal-o como ventarola para uma e outra parte sem proferir palayra, foi obra d'um momento para o Golias ferreiro. Depois largou a victima, e encostando-se ao cabo da acha poz-se a olhar fito para ella, antes de lhe intimar a sua real vontade. O barbato percebêra immediatamente que não tiraria partido de resistir, e esperou calado a decisão da sua sorte.

— «O' lé, só empalma-judeus, ponha para cá o annel e o colar aqui do honrado thesoureiro. Vamos; aviar! se não quer que eu lá vá.»

D. Muninho entregou os objectos reclamados.

— «Bom rapaz! Agora despir esse habito que não é para ratoneiros. Ponha-me a pelle na rua se não vae lá o cabo da acha d'armas.»

O barbato obedeceu com a mesma presteza e silencio.

— «D. Zuleima,» acrescentou mestre Pero, voltando-se para o maravilhado judeu, «deixa de coçar as orelhas. Isso não é nada. Pega-me naquelle flagello, disciplina, ou que demonio é, e estende as cinco pernas delle nas reverendas nadegas de sua charidade.»

A esta ordenação sanguinaria Fr. Muninho ergueu a cabeça, e protestou que não consentiria em ser agoutado pela mão nojenta de um algoz judeu; regalando sobre isso o nosso armeiro com os epitotos de pagão, herege, e quantos a furia lhe inspirou.

— «Chuta, urco inglez; odre tonsurado; vil empalmador de joias e de bolsas! Chuta; ou vae a acha pelo córte. E' levar e agradecer. Não sei porque te não penduro pela lingua duas horas naquelle gancho.»

— «Tripas de Judas!» berrou o barbato assustadissimo.

— «D. Zuleima, desanca-me sua reverencia com amisade. Ha-de gramal-as, tenha paciencia. Derriçar pelas orelhas do judeu; bifar-lhe as joias; e andar ainda em cima roubando em habitos sagrados! Fóra! Mas que demonio de fumaça é esta?... bfre! safa! Alto, D. Zuleima, desta vez morremos chamuscados na gaiola, meu trinca-soldos. Vaes-nos fazer as pousadas com o compadre Satanaz. Está tudo a arder, e então? O que eu queria que me dissessem agora, é por onde ha-de sair o sr. Pedro Britador. Oh, lá! não ha gente n'esta ratoeira? Estão

aqui um christão, um judeu, e um empalmador de crucifixos para sair. Nada! Simão Ferro? Lopo-Casco? Graças a Deus que ouviram. Ainda ha passagem pela ermida?"

— «Ainda, mestre. Mas depressa.»

— «Quem foi a boa alma que fez a fogueira?»

— «É o que todos perguntam. Não se sabe.»

— «Vamos vêr isso.»

E o armeiro encaminhou-se para a porta. D. Muninho já se ía esgueirando surrateiramente. Segundo seu costume o nosso alfageme não gastou palavras inúteis. Levantou um pé, e despediu um tiro a sua charidade. O largo costado do barbato deu um som semelhante ao berrô de humbo que espipou bruta cronhada. D'ahi faltando-lhe o equilibrio o leigo fez uma cortezia profunda aos degraus, beijou-os com os narizes, mediu-os com a cabeça, e rolou até se estatelar na primeira volta da escada.

— «Alto, patife! como se ía tingando sem dizer á gente: — Benza-te Deus!»

Fr. Muninho ouvindo a apostrofe levantou-se. Apalpou a testa; principiavam a empolar-se dous formosos gallos. Tenteou o nariz; pingava sangue. Fez uma rapida vistoria ás costellas, e verificou que não estavam em sallada como receiava. D'ahi sem olhar para traz mostrou ao ferreiro de Coimbra que a patria Braga o dotára de um par dos mais ligeiros calcanhares. O nosso barbato entendeu que era conveniente tomar o fresco sem demora para evitar algum desgosto com o padre abbade de Cister, a quem de certo Fr. Munio não deixaria de o entregar com as recommendações, que em sua consciencia julgava merecidas pelas proezas da noute antecedente, illustradas com o processo summario de sarar o judeu da lepra dos thesouros mundanos.

O caso é, que por mais diligencias que o mosteiro pôz em pratica para colher o refractario, elle conseguiu esquivar-se á benevolencia dos monges, mudando de terra e de ares. Nunca mais houve noticia do devoto figurão. Passados muitos annos, recolhendo-se mestre Pedro da feira da Covilhã, bem vendidas as ascumas e capellos que trouxera, encontrou-se com um sequito de bésteiros que levava á forza municipal um salteador endurecido. O armeiro tinha boa memoria, e nas feições um pouco mudadas do padecente achou muita parecença com as do velhaco que zurzira em Santa Olaia.

— «Estavas em bom caminho, maroto!» gritou elle. «Bom sangue não mente.» O ex-leigo tambem o conheceu, e acenando graciosamente, disse-lhe.

— «Boas tardes, mestre Pero! Deus vos dê cedo um alegrão d'estes por casa. Recados aos amigos, e saudades a D. Zuleima.»

Quando o alfageme chegou com o judeu ao terreiro tudo andava em borbórinho. Fallavam, praguejavam, e aconselhavam todos e ninguem se entendia. Mestre Pero fez-se advogado da ordem. Orou, deu, e intimou com tanto zêlo que a paz restabeleceu-se. O fogo não se podia apagar; e os homens d'armas desistiram da empreza. Montaram a cavallo, e na companhia de Fr. Munio e do abbade afastaram-se do castello.

Pela estrada de Coimbra alguns homens levavam em andas um ataude, e respondiam a quem perguntava: — «É D. Gomes Lourenço, collaço d'el-rei D. Afonso.»

(Continúa.)

— Ha muitos atheus por libertinagem; alguns por philosophismo; poucos por vangloria; talvez nenhuns por convicção.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

ECONOMIA DOMESTICA.

CONSERVAÇÃO DAS CARNES.

Em vez do methodo de Appert, póde empregar-se, para conservar as carnes, o seguinte processo que consiste em salgar a carne de vacca, e fazel-a ferver por espaço de duas horas em uma panella de ferro, ou outro qualquer vaso, e desossar depois a carne, concluido o que, se deposita esta em um vaso de pó de pedra, e se lhe deita por cima o caldo que fica na panella e que deve ser mui pouco e fraco, e cobre-se tudo com uma camada de gordura ou manteiga de porco na espessura de vinte e uma linhas. As carnes preparadas por este methodo conservam-se pelo menos por espaço de seis mezes, e servem optimamente para fazer a sopa, passadas duas ou tres horas de cozedura.

Nos climas humidos a carne de porco salgada pelo methodo ordinario corrompe-se muitas vezes e d'aqui pódem resultar graves inconvenientes para a saude dos consumidores. O processo ora indicado, e que é muito usado no meio dia da França, parece-nos adequado para tambem preservar esta carne de qualquer alteração.


Este processo tem a vantagem de poder ser facilmente executado, e é de grande interesse para a economia domestica, porque se póde vender a pelle, o sebo, as pontas e os ossos dos animaes, e consumir pausadamente as partes restantes na familia do lavrador.

BOM DITO DE D. JOÃO II.

Um homem honrado, que se não nomeia, folgava de beber vinho; e porque o el-rei não bebia, havia-se por tacha, e todos em geral trabalhavam por seguir as obras e condição d'el-rei. E este homem ás vezes lhe fazia o vinho damno, de que el-rei tinha desprazer. E um dia o mandou chamar, e elle, por não cheirar a vinho, comeu folhas de louro, a que muito cheirava; e el-rei lhe disse: «Fuão, debaixo d'esse louro a como val a canada?» De que o homem ficou envergonhado, e trabalhou de se emendar.

GARCIA DE REZENDE — CHRON. DE D. JOÃO II.

RECTIFICAÇÃO. — O verso 13.^o da Elegia impressa no numero 21 d'este volume, (a pag. 166, col. 2.^a, lin. 1.^a), deve lêr-se — *Para mim o morrer era um successo* — e não como se publicou, tendo-se, por inadvertencia, substituido n'aquelle verso ao verbo *morrer* o verbo *viver*.

 A distribuição d'este semanario (em Lisboa) começa regularmente na sexta feira e termina no sabbado de cada semana: os senhores assignantes pois que não receberem o numero respectivo até ao sol posto d'este ultimo dia, queiram fazel-o constar, por qualquer meio, a fim de se poderem dar as necessarias providencias. Para as provincias as remessas verificam-se todos os sabbados com a mais escrupulosa pontualidade. Qualquer falta que tenha havido não deve attribuir-se ao Editor, que emprega incansavel todos os meios para bem servir o publico, que se digna de o honrar com a sua protecção.